

A RAINHA E O PRESIDENTE

Gastão Reis Rodrigues Pereira

Publicado no JB– 25 Março 2007

O filme *A Rainha*, dentre outros méritos, teve o de desmistificar a figura da rainha da Inglaterra como um penduricalho inútil mantido no arcabouço institucional inglês. Embora o filme esteja centrado na crise provocada pela morte súbita da princesa Diane, ele nos permite ver nas entrelinhas a solidez das instituições políticas (e monárquicas) inglesas a despeito dos abalos provo-cados por outras razões pela morte da depois chamada Princesa do Povo.

As cenas inicial e final do filme ilustram bastante bem o ponto que quero pôr em relevo. Vencidas as eleições pelo Partido Trabalhista de Tony Blair, ele, acompanhado da mulher, se dirige, visivelmente nervoso, para sua primeira audiência com a rainha Elizabeth II, para formalizar o novo governo de Sua Majestade. Ao subir as escadas do palácio em direção à sala em que será recebido por ela, o oficial que o acompanha aproveita para lhe dar algumas instruções sobre como se comportar diante da rainha. Assim que entrar na sala em que será recebido, deverá fazer uma primeira reverência à soberana e mais uma ao cumprimentá-la. Alerta-o também que, ao sair, não deverá dar-lhe as costas, retirando-se sempre de frente para a rainha. Assim que o futuro primeiro-ministro se senta, ela lhe diz: “Você é o meu décimo primeiro-minis-tro. O primeiro a se sentar onde você está foi Winston Churchill.” E arrematou com humildade: “Aprendi muito com ele.” A audiência continua num tom mais protocolar e ele sai dali autorizado a formar um novo governo. Essa cena inicial pode não deixar muito confortáveis aqueles que estão habituados ao cerimonial republicano de suposta igualdade entre todos. Para entender melhor o que se passou – e a falta que nos faz –, é preciso ter em mente que nas monarquias o soberano é o chefe de Estado por excelência, ou seja, representa a Nação, personifica o interesse público e exerce aquela posi-ção sem dever favores a grupos econômicos ou a partido político que o teria eleito como ocorreria, por exemplo, num regime parlamentarista republicano. A atual constituição portuguesa aceita essa idéia monárquica ao obrigar o seu presidente eleito a se desvincular formalmente do partido que o elegeu. Reco-nhece, pois, explicitamente, que o chefe de Estado não deve ter coloração parti-dária na medida em que representa a todos os portugueses, em especial o interesse público. Na simbologia monárquica moderna, a reverência que o primeiro-ministro faz à rainha é para lembrá-lo sempre de se curvar diante do interesse público e que ele está ali para servi-lo, coisa que qualquer democrata genuíno pode aceitar sem se sentir diminuído. Note, caro leitor, que o primeiro-ministro num contexto parlamentarista monárquico não tem como fazer pro-postas indecentes ao monarca em troca de apoio político ou de grupos econô-micos porque é impossível fazer-lhe uma proposta melhor do que ele já tem. Ela deve fidelidade ao povo, que lhe paga a conta: R\$ 2,50 cada um por ano!

A cena final mostra a rainha andando em passo rápido com Tony Blair pelos jardins do palácio em que ela é informada de uma de suas ações especí-ficas de governo: reduzir o número de alunos por professor nas escolas inglesas em benefício da qualidade. Trata-se de um poder executivo que se exerce prestando contas semanais de seus atos a alguém que representa cada inglês e cada inglesa com isenção muito maior do que se tivesse sido eleito. Ao separar chefia de governo da de Estado, o monarca funciona também como fiscal do

poder executivo, que fica de saia justa para propor qualquer maracutaia. Finalmente, mas nem por isso menos importante, é preciso deixar claro nosso desastre institucional representado pelo regime presidencialista. No nosso caso, o presidente é, ao mesmo tempo, chefe de governo e de Estado, ou seja, ele fiscaliza a si próprio, vale dizer, presta conta de seus atos ao seu pró-prio umbigo. Muito menos semanalmente. Fica evidente a qualidade intrínseca muito superior de um poder executivo exercido na forma do parlamentarismo monárquico. E lembrar que o jogamos fora. Pense nisso, caro leitor.

Gastão Reis

Empresário e economista

E-mail: gastaoreis@smart30.com.br

Meu site: www.smart30.com.br